

“Vocês voltarão na escola?” - Análise dos quadros sociais de uma pesquisa em saúde na escola e suas potencialidades para educação em saúde

“YOU WILL RETURN AT SCHOOL?” - FRAME ANALYSIS OF A HEALTH RESEARCH IN SCHOOL AND ITS POTENTIAL FOR HEALTH EDUCATION

Fernanda Roberta Daniel da Silva Portronieri

UFRJ | nutrisfer@yahoo.com.br

Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca

UFRJ | abrasil@ufrj.br

RESUMO

Frequentemente as escolas são cenários de pesquisas diversas, desde objetivos fortemente relacionados com o dia a dia escolar até pesquisas que se distanciam dos temas escolares. O objetivo foi investigar como aproveitar o cenário da pesquisa no ambiente escolar para uma educação em saúde na escola. Foi utilizada metodologia qualitativa da Análise dos Quadros Sociais de Erving Goffman. No contexto de uma grande pesquisa em saúde, as percepções e falas dos pesquisadores e sujeitos de pesquisa foram registradas em diário de campo. Além disso, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas e um grupo focal com professores das escolas que participaram da pesquisa em saúde. Os resultados indicaram que os professores têm uma experiência negativa com pesquisas anteriores devido às mesmas não darem um retorno significativo às escolas. No entanto, mostram-se otimistas e almejam uma proximidade maior com os pesquisadores e com a universidade para construir juntamente novos problemas de pesquisa e fazerem educação em saúde na escola. Consideram o momento da pesquisa e a interação com outros profissionais propícios para haver trocas e a construção do conhecimento e da saúde na escola. Apontam o Programa Nacional de Alimentação Escolar como um importante tempo-espço na escola para que se abordem os temas em saúde de maneira transdisciplinar.

Palavras-chave: Análise dos Quadros Sociais. Educação em Saúde na Escola.

ABSTRACT

Often schools are scenarios of various researches since strongly related objectives with day to day until school surveys that are alien to the school subjects. The objective was to investigate how to leverage the research scenario in the school environment for health education in school. Qualitative methodology and Frame Analysis of Erving Goffman was used. In the context of a large health research, perceptions and discourse of researchers and research subjects were recorded in a field diary. Furthermore, two semi-structured interviews and a focus group with teachers from schools participating in health research were conducted. The results indicated that teachers have a negative experience with previous surveys due to them not to give a significant return to the schools. However, they are optimistic and yearn for a closer relationship with the researchers and the university together to build new research problems and make health education in school. Consider the time of research and interaction with other exchanges and be conducive to knowledge building and school health professionals. Indicate the National School Feeding Programme as an important space-time in school so that they address the health issues in cross-disciplinary manner.

Keywords: Frames Analysis. Health Education in School.

Introdução

Fazer pesquisas em saúde significa, acima de tudo, a busca por melhorias na saúde da população. Espera-se que, por meio da pesquisa, obtenham-se dados e construam-se conhecimentos que possibilitem a criação de estratégias de enfrentamento de determinados problemas relacionados ao processo saúde-doença. Mas isso nem sempre acontece. No documento “Por que pesquisa em Saúde?”, do Ministério da Saúde, discute-se a má distribuição dos benefícios alcançados pelas pesquisas em saúde; seja pela não construção de ferramentas que viabilizem o serviço de saúde, seja pelo conhecimento construído não aplicado, seja pela dificuldade de transferência do conhecimento obtido (BRASIL, 2006). E quando a pesquisa em saúde acontece na escola? Como explorar o potencial pedagógico de uma pesquisa no cenário escolar para que a mesma possa se estabelecer num meio de educação em saúde na escola?

Paulo Freire (1996) diz que não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino. A docência-discência (como faces da mesma moeda) e a pesquisa não se dicotomizam: “Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente” (FREIRE, 1996, p. 15). Pedro Demo (2000) também fala da importância da pesquisa para o ensino com a mesma intensidade que o faz do ensino para a pesquisa. O autor diz que o fato de pesquisar com o intuito apenas de adquirir conhecimento reduz a atividade da pesquisa a um esforço de sistematizar ideias e de especulações dedutivas. Demo (2000) afirma que é a comunicação do saber construído por meio da pesquisa que o torna *conhecimento*, e, portanto, quem pesquisa tem que comunicar, compartilhar, retornar à sociedade os frutos daquela pesquisa que gerou esses novos conhecimentos.

Este artigo faz parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado, cujo objetivo é traçar as interfaces entre a pesquisa em saúde e a educação em saúde na escola. As inquietações que nortearam a pesquisa da tese de doutorado surgiram da parceria com o Estudo de Risco Cardiovascular em Adolescentes (ERICA). O ERICA objetivou avaliar a saúde do jovem brasileiro, bem como estimar o risco de desenvolver doenças cardiovasculares. Para tanto, o estudo pesquisou 74 mil jovens de 12 a 17 anos, em 1251 escolas de 273 municípios de todo país; conta com instrumentos de pesquisa desde questionários autorrespondidos, avaliação antropométrica, aferição de pressão arterial, até coleta de sangue para análises bioquímicas. Todas essas etapas acontecem num período de duas a três semanas, durante o período escolar.

Após avaliada a prevalência dos riscos de desenvolver doenças cardiovasculares e até mesmo a prevalência das doenças já diagnosticadas nos adolescentes através da correlação dos dados, é indiscutível a necessidade de medidas que promovam saúde e, mais do que isso, a autonomia no cuidar de si entre os sujeitos da pesquisa, os escolares. A própria situação de uma pesquisa deste porte, na escola, altera a rotina da mesma, suscita a curiosidade dos sujeitos quanto ao que está sendo pesquisado e à dinâmica da pesquisa e possibilita o contato com profissionais da saúde. Todos esses fatores tornam a situação da pesquisa ainda mais propícia para se legitimar um potencial pedagógico de educação em saúde. Esta última deve promover a valorização do saber do educando, instrumentalizando-o para

a transformação de sua realidade e de si mesmo. A educação, quando se pauta no reconhecimento da importância de se identificar e responder aos aspectos afetivos e comportamentais, possibilita a participação ativa dos educandos nas ações de saúde, de forma a estabelecer o desenvolvimento contínuo de habilidades e técnicas para o autocuidado (SOUZA, 2009). Mas como os próprios sujeitos da pesquisa podem beneficiar-se dos resultados e da própria situação da pesquisa na escola?

As discussões sobre a pesquisa em educação e seus limites e potencialidades em relação ao retorno à sociedade e mudança do quadro educacional, como um todo, são muitas. Abrangem os trabalhos que falam sobre o dia a dia do professor, o currículo, as dificuldades do ensino, os problemas e vantagens do ensino público, as demandas de trabalho do professor, entre tantos outros temas. Os debates ainda discorrem sobre as incompatibilidades dos objetivos das pesquisas frente aos problemas das escolas, as questões dos atores sociais da escola versus as questões dos pesquisadores e o impacto que as pesquisas têm na vivência da sala de aula (KRASILCHIK, 2000; DELIZOICOV, 2005); a relação da heterogeneidade da área e suas implicações nas pesquisas, muitas vezes, por inconsistências epistemológicas e metodológicas e consequente fragilidade na consolidação dos resultados (GATTI, 2003; SEVERINO, 2006); a falta de diálogo com as políticas vigentes (KRASILCHICK, 2000); os problemas de aplicação e extrapolação de resultados de pesquisas num país com dimensões continentais (DELIZOICOV, 2004 e 2005); a conformação do campo e sua pluralidade (GATTI, 2003; SEVERINO, 2006; DELIZOICOV, 2004 e 2005); a dificuldade em se estabelecerem critérios de cientificidade nas pesquisas (GATTI, 2003; SANCHÉZ, 1998). Todos esses fatores dificultam o diálogo entre a pesquisa em educação e a melhoria na educação, a partir dos resultados das pesquisas.

Contudo, a pesquisa educacional deve muito mais do que produzir conhecimento científico acerca da educação. Deve preocupar-se também e principalmente em pensar caminhos que possibilitem benefícios à comunidade científica, à sociedade e especialmente à educação. Seja qual for o cunho da pesquisa, quando realizada na escola, é inegável que muda o cotidiano, desperta curiosidade dos atores sociais envolvidos, incita novos questionamentos e, portanto, pode se configurar num cenário propício para sugerir novos caminhos. Quando falamos de pesquisa em saúde, desta magnitude que é o ERICA, como estreitar os caminhos para a educação em saúde? Quais ações educativas constroem saúde no ambiente escolar?

Diante destas questões, o objetivo deste artigo é discutir a relação pesquisa em saúde e educação em saúde na escola e como tal relação pode contribuir para que o momento de pesquisa seja utilizado como um potencial pedagógico de educação em saúde.

Metodologia

A pesquisa aconteceu nas escolas que participaram do estudo piloto do ERICA no município do Rio de Janeiro, para o qual foram selecionadas 3 escolas do município do Rio de Janeiro, sendo uma escola municipal, uma escola estadual e uma escola particular. A parceria com o ERICA surgiu mediante as preocupações relativas com o retorno para as escolas participantes da pesquisa, seja com as informações relativas aos resultados do ERICA, seja com medidas a longo prazo que promovessem a saúde dos alunos ou possibilitassem a discussão do tema na escola. Aproveitando as escolas do estudo piloto foi realizada pesquisa exploratória a fim de pensar, junto aos atores sociais da escola e sujeitos de pesquisa do ERICA, o que seria um retorno significativo para a escola e para os alunos desta pesquisa. Através da pesquisa exploratória nas escolas do estudo piloto do ERICA, objetivou-se a análise de que tipo de atividade ou material realmente pudesse contribuir para a educação em saúde na escola.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que possibilita captar as percepções e opiniões a partir das interpretações que os indivíduos fazem baseados em suas experiências (MINAYO, 2006). Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com os professores da escola estadual, um grupo focal com 13 professores da escola municipal e utilizados os registros em diário de campo de todas as etapas da pesquisa. A pesquisa em saúde (ERICA) foi acompanhada nas suas várias etapas, desde reuniões com os idealizadores, treinamento dos pesquisadores, contato com as escolas, pesquisa propriamente dita e eventos de discussão pós-pesquisa. O material foi gravado em meio digital e posteriormente transcrito.

A análise dos dados foi através da Análise dos Quadros Sociais de Erving Goffman (2012). O método de análise, buscando o olhar das interações sociais e contextualizando cada fala significativa de acordo com a vivência e olhar do sujeito, é descrito a seguir.

Erving Goffman e a análise dos quadros sociais

Erving Goffman teve grande influência de Simmel bem como dos demais pesquisadores da corrente da microsociológica em geral. Teve também influência da corrente Interacionista Simbólica. O interacionismo simbólico centra o seu estudo nos contextos face a face da vida social, na interação social presente na vida cotidiana que envolve a troca de símbolos. Quando interagimos com o outro, procuramos constantemente “pistas” sobre o tipo de comportamento apropriado ao contexto e sobre como interpretar o que os outros pretendem.

A perspectiva utilizada pelo sociólogo, em sua obra, é a da representação teatral, com base nos princípios de caráter dramático e utiliza o teatro como metáfora. Goffman estuda, entre outros aspectos, os papéis sociais desempenhados pelas pessoas, que se referem à imagem que elas têm de si mesmas e que querem transmitir ao público. Para o autor, tanto na vida cotidiana como no teatro, os atores têm o objetivo de dar a esses papéis um caráter de verossimilhança, sendo o intuito maior colar o papel à realidade. A sociologia em Erving Goffman demonstra que as relações sociais estão permeadas por uma dramática atividade de simulação e teatralização na vida cotidiana (NASCIMENTO, 2009), o que significa que a interação é precedida pela simulação, pelo exercício que o sujeito faz de experimentar-se com o outro.

Em sua obra *Os quadros da experiência social. Uma perspectiva de análise*, Goffman explora como todos os acontecimentos reais podem ser enquadrados, isto é, sentidos pelos indivíduos envolvidos, de acordo com sua percepção do mundo. O autor “tem por objetivo tentar isolar alguns dos esquemas fundamentais de compreensão disponíveis em nossa sociedade, a fim de compreender os acontecimentos e analisar as vulnerabilidades especiais a que estão sujeitos estes quadros de referência” (GOFFMAN, 2012, p.33). O ponto de vista particular de um indivíduo pode aparentar ser aquilo que está ocorrendo na realidade, mas também pode significar uma brincadeira, um sonho, um acidente, um erro, um mal-entendido, um engano e até uma representação teatral.

Para Goffman, em qualquer interação cotidiana, quando os indivíduos se interessam por alguma situação usual, eles se confrontam com a pergunta: “O que é que está acontecendo aqui?” Seja a pergunta formulada explicitamente, como em momentos de confusão ou dúvidas,

ou não, em ocasiões de certeza habitual, a pergunta é feita e a resposta a ela é presumida na maneira como os indivíduos passam então a tocar no assunto que têm diante de si. A partir desta pergunta, o indivíduo procura traçar um esquema ao qual se poderá acionar para se obter a resposta.

Os termos utilizados por Goffman para análise também guardam relação com o teatro. E compreendê-los se faz fundamental para a análise em quadros. O termo **faixa** (*strip*) é usado para designar qualquer fatia ou recorte arbitrários do fluxo da atividade em curso, incluindo aqui as sequências de acontecimentos, reais ou fictícios, tal como são vistos a partir da perspectiva dos subjetivamente envolvidos em manter algum interesse neles. É o **ponto de partida para a análise** (GOFFMAN, 2012, p. 33).

A palavra **quadro** é utilizada para a forma como a faixa de atividade foi enquadrada; isto é: quadro significa os elementos básicos, que são possíveis de serem identificados, e que definem a forma como uma situação (atividade) é elaborada e interpretada (e aqui entram as questões sociais, o envolvimento subjetivo, etc). A “análise de quadros” é uma expressão para se referir ao exame, nesses termos, da organização da experiência e não da organização da sociedade, mas, mesmo não sendo uma análise da sociedade, ao analisar o arcabouço utilizado pelo ator social para enquadrar, é possível vislumbrar características da sociedade que o comporta.

Dada uma faixa de atividade que foi enquadrada, de acordo com os esquemas primários, só se pode falar em análise em quadro, quando essa faixa de atividade enquadrada sofrer alguma alteração. As alterações possíveis de ocorrer são as **tonalizações** e **maquinações**. As tonalizações são as transformações de uma faixa de atividade enquadrada em que todos os indivíduos sabem que houve uma transformação da realidade; já a maquinação é uma transformação intencional, na qual há uma manipulação da cena enquadrada por parte dos indivíduos que participam da cena, podendo ser ou não prejudicial aos demais.

Trata-se de uma análise complexa, que pretende destrinchar as bases que sustentam um discurso ou uma ação. Bases de crenças, de ideologias, de valores, daquilo que é tomado como importante e por quais motivos, da mesma forma que as atividades ignoradas são importantes e até mesmo as formas de demonstrar uma suposta ignorância dos fatos. Tanto nas entrevistas e grupo focal nas escolas, com diferentes atores sociais, quanto no desenrolar da pesquisa em saúde, as interações face a face foram analisadas associadas ao olhar etnográfico na pesquisa e a utilização de

registro em diário de campo, de acordo com a análise proposta por Erving Goffman (2012).

Foram observados os critérios éticos de pesquisa e o ERICA possui aprovação no comitê de ética de pesquisa do IESC, número do processo 45/2008 e aprovação sob o parecer número 01/2009. A identidade dos participantes da pesquisa foi mantida em sigilo. Os sujeitos da pesquisa foram orientados quanto a todo o procedimento e somente depois de lerem, compreenderem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ou do seu responsável legal, foram incluídos na mesma.

Análise dos dados: preparando a cena!

A pesquisa de campo aconteceu juntamente com o estudo piloto do ERICA, no município do Rio de Janeiro, durante o ano de 2012. O ERICA aconteceu em 3 escolas sorteadas, sendo uma municipal, uma estadual e uma particular. O grupo focal ocorreu com 13 professores, entre eles a diretora da escola, cujas disciplinas contemplavam língua portuguesa, geografia, educação física, história, matemática e artes. As entrevistas na escola estadual aconteceram com dois professores de biologia. As anotações em diário de campo, que vão desde as interações em todas as fases de pesquisa, tanto com os pesquisadores do ERICA quanto os pesquisados, passando, também, pelas escolas que não quiseram participar do ERICA ou desta pesquisa, serviram como pano de fundo para a contextualização e análise.

Os resultados das análises quanto à relação pesquisa em saúde e educação em saúde na escola puderam ser descritos nas seguintes categorias: *“A gente quer saber se vocês voltarão na escola depois?”*; *“Motivar o aluno a almoçar na escola já seria uma forma de educação em saúde, não?”*.

“A gente quer saber se vocês voltarão na escola depois?”

Há dois quadros a serem analisados: o grupo focal e as entrevistas. No caso do Grupo focal, o que estava de fato acontecendo era um grupo de discussão, cujo tema principal seria a opinião dos participantes a respeito de atividades e materiais que pudessem promover a saúde dos escolares através da educação em saúde. Foi explicado antes da realização do grupo focal que essa parte da pesquisa, pós-ERICA, serviria para desenvolvermos materiais e atividades educativas em saúde que levasse em consideração o educando e os educadores que lidariam diretamente com tais produtos. A partir desta explicação, foi pedido para eles falarem sobre o que acreditavam, de acordo

com a realidade da escola na qual lecionam e nos seus alunos, que pudesse, de fato, dialogar com a escola e promover saúde e hábitos de vida saudáveis. A partir da discussão natural que emergisse do grupo, seriam contemplados os temas relação pesquisa-escola, a pertinência dos materiais impressos que abordam a saúde, a heterogeneidade do público alvo, a opinião a respeito da responsabilidade da escola no que tange a educação em saúde. O objetivo principal da conversa, que foi exposto desde o primeiro contato para agendar o grupo focal, era saber a opinião dos professores sobre o que de fato ajudaria a educação em saúde na escola.

No entanto, a percepção, ou, nas palavras de Goffman, o enquadramento dado pelos participantes foi tonalizado, e as respostas e posturas foram ao encontro desta tonalização.

É... eu queria fazer perguntas em relação à questão da... do procedimento ético de pesquisa em saúde. Isso... me abriu, assim, muito... esses questionamentos né, porque assim, a amostragem de sangue, como de células, né, você pode pegar do sangue ou de outras fontes, é algo muito... sério. Não é verdade? - Grupo Focal - Escola Municipal

Durante todo o tempo do grupo focal, essa questão de voltar à sala de aula estava presente. Os professores chegaram a pegar um calendário e marcar um dia para que a equipe do ERICA pudesse voltar e conversar com os alunos e até com os pais de alunos para esclarecer as inúmeras dúvidas que surgiram da pesquisa e dos resultados dos exames realizados. Esse foco para a faixa de atividade que eles tonalizaram como principal: uma reunião para discutir os pontos fortes e fracos da pesquisa, é reflexo da experiência deste público com pesquisas anteriores:

É porque sempre que tem pesquisa se fala: “Eu volto hein”, e a gente nunca mais vê. Não deixa nenhum bilhetinho: “Foi bom” (RISADAS), não retorna, e diz “foi bom”. - GRUPO FOCAL

A POPULAÇÃO NÃO GOSTA DE RESPONDER PESQUISA. Entendeu. Primeiro ELAS ACHAM QUE NÃO SERVE PRA NADA, porque perde tempo. PORQUE ELAS NÃO TÊM UM RETORNO. Grupo focal - Escola Municipal

As falas deste grupo focal vieram muito nessa direção: qual o benefício que se tem em participar de uma pesquisa?

(...) qual é o retorno que essa pessoa que se prestou a doar sangue, a medir, a fazer exame, o que que ela pode ter de retorno, a médio... a curto ou a médio prazo? Pra um encaminhamento? - Entrevista 1 - Escola estadual

“Em algum momento vocês retornarão a sala?” - Entrevista 2 - Escola Estadual

A pergunta de partida utilizada por Goffman chegou a ser explicitada na fala de um dos professores:

Só, só uma, um esclarecimento, é só pra esclarecer. Você tá querendo a nossa opinião, você tá entrevistando a gente agora pra falar de algo que vai ser colocado em pesquisa ou isso você vai querer, você tá pensando em aplicar aqui na escola? Eu tô confusa. - Grupo focal.

Para os participantes do grupo focal, estava acontecendo um bate-papo para melhor entender a pesquisa do ERICA e dar um feedback a respeito das críticas sobre a dinâmica de pesquisa na escola. Daí as falas sobre a importância de um retorno imediato.

As maquinações, segundo Goffman (2012), são formas de transformação da atividade (esquema primário) e podem ser benignas ou exploratórias. Dentre as benignas há o embuste experimental, que trata-se da prática de conduzir experimentos com humanos que requerem, por razões metodológicas, que o paciente (pesquisado) não saiba exatamente o que está sendo testado e nem sequer saiba que está em curso algum tipo de experimento (GOFFMAN, 2012, p. 128). Outras vezes, trata-se de um medicamento utilizado a longo prazo, juntamente com um medicamento “placebo”, e que os resultados e a verdade sobre o experimento virão à tona tempos depois de iniciada a pesquisa. Ainda há os casos de pesquisa social, nas quais o observador participante não deixa claros seus reais objetos de estudo para não interferir nos resultados. Todas essas formas de lidar com a atividade são transformações do que de fato está ocorrendo: uma pesquisa; e são manipuladas, portanto, maquinações. Segundo Goffman (2012), para os

participantes de um engano, aquilo que está ocorrendo é uma maquinação; já para quem é enredado, o que está ocorrendo é aquilo que está sendo maquinado. A borda do quadro é uma armação, mas apenas os maquinadores o sabem. Daí vem a característica de possibilidade de descrédito a que estão sujeitos os maquinadores ou situações semelhantes. Quando a vítima descobre o “jogo”, aquilo que para ela era um momento real agora é um engano. É a partir do que se entende por real que se derivam todas as demais compreensões acerca de determinada faixa de atividade. Assim, quando há o descrédito, tudo desmorona. Faz-se necessária, então, uma reestruturação da terminologia a respeito de tal atividade, e suas respostas e ações vão condizer com essa nova tonalização. Assim, “uma concepção correta da cena deve incluir a percepção da cena como parte da cena” (GOFFMAN, 2012, p. 120).

Com essa noção de descrédito de uma situação, as definições da situação terminam inevitavelmente quando outras se impõem. Há uma interrupção na definição do quadro, no momento da “descoberta”. As maquinações introduzem a possibilidade de um tipo diferente de interrupção, um tipo no qual a descoberta pode alterar drasticamente a capacidade dos envolvidos de participarem juntos novamente naquele tipo de atividade. Mesmo quando se trata de uma manipulação da realidade na qual o que está em jogo é o benefício da própria pessoa enredada, ou, na pior das hipóteses, quando não oferece risco aos seus interesses, após descoberta a maquinação, há a possibilidade de descrédito de tal atividade ou pessoa.

A demora pelos benefícios da pesquisa, o não retorno para contar de fato o que estava sendo pesquisado, a falta de informação sobre os objetivos da pesquisa são maquinações da atividade primária: pesquisa. Quando descoberta a transformação da realidade, as pesquisas para a população desta escola ficaram em descrédito. Portanto, para os participantes deste grupo focal, a faixa de atividade estava tonalizada de uma maquinação benigna.

Goffman (2012) diz que há relação entre determinada maquinação e o permanente fluxo de atividade social mais ampla na qual ela ocorre. Quando um indivíduo é desmascarado, o descrédito que ocorre pode ficar estreitamente circunscrito a algo que é visto como incluído num todo maior, e é este todo maior - em si mesmo, não necessariamente ameaçado - que podemos ter em mente quando consideramos o que está realmente ocorrendo. O descrédito que ocorre pode retrospectiva e prospectivamente

atingir uma série concatenada de ocasiões anteriores e de ocasiões que virão depois. Para o autor, não há dúvida, portanto, que um plano enganoso pode gerar uma organização contínua de atividade que ficará sujeita ao descrédito. E, sempre que ocorre um descrédito, ele terá um alcance retrospectivo e prospectivo, às vezes longo, às vezes curto, mas, de qualquer maneira, terá um alcance.

Em relação ao efeito deste alcance, Goffman descreve um conceito básico, a suspeita. Trata-se daquilo que um indivíduo sente (com ou sem razão) e começa a pensar que a faixa de atividade na qual ele está envolvido foi construída fora de seu alcance e conhecimento e que não lhe foi permitida uma visão sustentável daquilo que o enquadra. Essa suspeita sobre um feedback no pós-pesquisa estava presente durante todo o grupo focal.

Essa cobrança da escola por uma participação mais ativa dos pesquisadores após a coleta de dados foi levada para discussão junto à equipe do ERICA e a coordenação da pesquisa e os próprios pesquisadores relataram essa cobrança em quase a totalidade das escolas nas quais foi realizado o estudo piloto. Daí emergiu a necessidade de um “kit presente” para as escolas participantes, uma vez que as ações a longo prazo não são consideradas um retorno para a população estudada, ou talvez, pela pouca informação, quando acontece alguma medida mais abrangente como o desenvolvimento de políticas públicas, estas não são facilmente relacionadas às pesquisas aderidas pelos sujeitos (como foi sinalizado na fala acima).

No entanto, a elaboração de kits prontos vai de encontro à ideia de construção da saúde e da educação em saúde que objetiva conferir autonomia no autocuidado e nas escolhas saudáveis. Porém, é tamanho o descrédito das pesquisas e da relação pesquisa - escola, que a própria escola gostaria de atividades isoladas e descontextualizadas, para minimamente responder às dúvidas que surgiram pela dinâmica da pesquisa.

Um tempo de aula! São 50 minutinhos, daria pra num auditório, ou algum lugar assim, reunir as três turmas e conversar com eles, assim, de uma maneira mais geral sobre os resultados, porque eles ficaram com muita dúvida. - Grupo focal.

A necessidade de chegar, dar uma palestra, mesmo que seja pequena, pros pais, meia hora, entendeu? - Grupo focal.

Ao analisarmos as falas dos pesquisadores, no entanto, observamos um descompasso entre os objetivos da escola e os objetivos da pesquisa:

Eles nem querem saber ao certo do que se trata a pesquisa. Ficam desconfiados. Não querem ouvir falar e já dizem que não. Inventam mil e uma desculpas.
Anotação de diário de campo - Fala de uma pesquisadora ERICA

Como é difícil as escolas entenderem a importância desta pesquisa. O quanto os resultados irão colaborar no desenvolvimento de políticas públicas, que vão favorecer os próprios jovens. A escola quer brinde. Quer prêmio de participação. Quer algum reconhecimento por participar da pesquisa. - Anotação de diário de campo - Fala de uma pesquisadora da região Sudeste.

Tais falas aconteceram num seminário de apresentação dos resultados da pesquisa piloto do ERICA. O seminário contou com a participação exclusivamente dos pesquisadores e idealizadores da pesquisa (de todo país) e o objetivo deste encontro foi uma análise preliminar dos resultados e das dificuldades de entrada no campo e da pesquisa em si, como forma de melhorar a aceitação da pesquisa nas escolas. Para os pesquisadores, participar da pesquisa já é um privilégio:

Não entendo o motivo dos alunos se recusarem a tirar sangue. Muitos deles não têm essa possibilidade assim, tão fácil. Deveriam ficar agradecidos. - Pesquisadora do ERICA

A escola não valoriza o certificado que demos que ela participou de um estudo que propiciará mudanças nas políticas de saúde dos jovens. - Pesquisadora do ERICA
Que tipo de brindes poderíamos dar às escolas para facilitar essa entrada? Bolas, cordas, camisetas? Computadores? - Pesquisadora do ERICA

A forma como os atores sociais desta escola encaram as pesquisas e seus resultados, a cobrança por produtos imediatos, todos esses fatores contribuem para a produção do conhecimento. Seja para o conhecimento sobre a educação em saúde na escola, seja para o conhecimento das tonalidades

que existem nas relações pesquisa-escola. É o que Morin (2007) diz sobre o desafio do conhecimento, algo que deve ser regido por um princípio de pensamento que permita ligar as coisas que *parecem* separadas umas em relação às outras (MORIN, 2007b).

“Motivar o aluno a almoçar na escola já seria uma forma de educação em saúde, não?”

Em nenhum momento, seja da realização do grupo focal, seja na realização das entrevistas, foi falada ou proposta a questão direta sobre a relação entre a alimentação e o risco de desenvolver doença cardiovascular. Mas, nesses três casos, a alimentação, a educação alimentar e nutricional apareceram como protagonistas para a educação em saúde.

Porque eu penso... eu penso... a temática da alimentação, quer dizer... eu imagino a relação, uma temática um pouco maior, claro, o foco tá na questão das doenças cardiovasculares e tal, mas a temática alimentação e você tem profissionais de diversas áreas que podem trabalhar isso, né, sob diversas perspectivas, em diversas perspectivas, temáticas que cruzam essa discussão e que vai passar também por essa, e aí que eu acho que você aproveita de cada professor aquilo que ele tem de melhor na sua formação e aquilo que ele pode trabalhar melhor. - Grupo focal - Escola Municipal
Má alimentação, a pessoa tá até se alimentando mal, por quê? Porque tá comendo muito no Bob's ali, tá comendo muito. Por isso que tá todo mundo obeso, todo mundo com a pressão alta. Todo mundo com diabetes por aí. Entrevista 2.

Desta perspectiva da relação da alimentação como principal responsável pelos fatores de risco e/ou proteção para doenças cardiovasculares, a valorização da alimentação na escola e do alimentar-se na escola como uma ferramenta pedagógica possível para a educação em saúde foi muito presente nas falas, e em diversos aspectos: para trabalhar a educação alimentar e nutricional, para discutir sobre desperdício de alimento, para valorizar a alimentação que é dada:

Eu acho que a gente, é, pode, por exemplo, o professor que trabalha com a turma que vai pro recreio, motivar, no sentido de... é... como que eu vou dizer, motivar o aluno a almoçar na escola, né, fazer propaganda da comida, por exemplo, já seria...uma forma de educação em saúde, não? - Grupo focal.

A gente pode também partir assim, da merenda, “O que que foi a merenda ontem?”. - Grupo Focal.

AS PRÓPRIAS MERENDEIRAS, olha só, AS PRÓPRIAS MERENDEIRAS irem na sala de aula, elas inclusive já me pediram pra ir, eu sugeri que elas falassem sobre desperdício, enfim.- Grupo Focal.

Para analisar as falas referentes à alimentação escolar neste grupo, é preciso levar em consideração que os professores valorizam muito a alimentação escolar, que valorizam o trabalho da merendeira e elogiam muito as comidas feitas por elas. A merenda é servida em dois turnos: às 10h e às 15h. Há o relato da diretora de que a quase totalidade dos alunos e professores comem na escola.

No entanto, a realidade da alimentação escolar na outra escola é diferente. A refeição é servida ao meio-dia e meia e às dezoito horas. Muitos alunos vão embora sem comer, no turno da manhã e os do turno da tarde não comem, ou por vergonha de admitir não ter comida em casa ou por já ter de fato almoçado antes de ir para a aula. Os professores também não têm o hábito de comer ali.

Se fornece essa alimentação, porque uma vez fornecendo a alimentação, pelo menos a maioria vai, vai usar essa alimentação. Se não fornecer alimentação adequada na escola, como pode cobrar deles que se alimentem bem? - Entrevista 1

Eu penso assim, que seria muito melhor que ele fosse bem alimentado e evitasse isso do que depois que tornássemos adultos problemáticos, doentes e aí que vai, eu tenho uma amiga que é médica e assim, essa coisa de fazer, de, de ter uma atitude preventiva em relação às coisas é muito mais barato do que depois já a pessoa, né, com toda aquela problemática. A alimentação na escola acho que tem esse sentido. - Entrevista 2

Vale ressaltar aqui alguns motivos elucidados pelos professores que justificam o fato de a alimentação escolar ser bem-sucedida numa escola que serve as refeições em horários não convencionais para almoço e jantar, ao passo que, na outra escola, o horário mais próximo ao referido pelos alunos para realizar essas refeições não propicia maior adesão à refeição servida na escola. Como será demonstrado nas falas abaixo, na escola municipal há uma constante valorização da merenda escolar, do preparo cuidadoso das merendeiras, do prestígio dos professores pela merenda. Tudo isso favorece o aluno a aderir à alimentação escolar. Além disso, o fato de os professores comerem na escola, no horário do recreio, diminui a percepção, que muitos ainda têm, de que a merenda escolar destina-se a quem não tem recursos financeiros para se alimentar bem.

Embora não tenham atividades estruturadas de educação em saúde ou até mesmo de educação alimentar e nutricional, nos três casos, os professores identificam o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) como um tempo-espaço propício para tais atividades e até sinalizam possíveis ações. No caso do grupo focal, há uma ideia mais consistente de como utilizar o PNAE, partindo da valorização do programa.

Eu vou dizer pra vocês, eu acho que aqui os alunos até se alimentam mais... comem mais a merenda aqui porque os professores, a maioria dos professores daqui comem também. É, eles veem a gente comendo. Até a questão da valorização dele achar que não é vergonha, comer a comida da escola não quer dizer que na sua casa não tem comida. Porque uma coisa é a gente dizer “Olha, a comida da escola é uma delícia” e não comer a comida. - Grupo Focal

As interações entre pesquisadores e a escola colocam em evidência vozes e interpretações de um mesmo cenário de formas diferentes, como mostrado através das análises dos quadros sociais de Erving Goffman. A possibilidade de diálogo com os professores e com os pesquisadores possibilita visualizar os mesmos problemas sobre perspectivas diferentes e problemas diferentes que podem ou não ser percebidos mutuamente por esses atores.

Conclusões

As escolas são alvos constantes de pesquisas que abordam diversos temas, e é inegável a necessidade de pensar e estruturar o retorno para aqueles que se disponibilizam a participar de tais pesquisas; seja um retorno imediato, atendendo às demandas pontuais, seja um retorno tardio, que engloba características gerais dos problemas pesquisados e culminam com políticas públicas em educação ou em saúde. Porém, muitas vezes, os sujeitos das pesquisas não conseguem relacionar tais consequências tardias a sua participação em determinada pesquisa. Não obstante, os problemas individuais da escola permanecem os mesmos.

Nesta pesquisa, buscamos traçar as interfaces entre a pesquisa em saúde na escola e a educação em saúde na escola como forma de ter um retorno significativo para os sujeitos da pesquisa. Na análise pode-se observar que, em alguns casos, os atores sociais da escola se sentem “usados” pela pesquisa de forma a não se sentirem contemplados seja nas escolhas dos problemas a serem investigados, seja nos efeitos e resultados das pesquisas, seja na falta de diálogo entre os pesquisadores e os pesquisados desde as etapas iniciais até, principalmente, no pós-pesquisa.

Consideramos que deve haver uma relação mais orgânica entre a pesquisa na escola e a dinâmica escolar. Somente aliando a pesquisa ao ensino é que se produz conhecimento. Ainda que os interesses do pesquisador pareçam não dialogar com os interesses da escola, deve haver um esforço por parte dos investigadores em estreitar essas relações e extrapolar seus objetivos diretos a fim de garantir que a pesquisa no ambiente escolar possa ser um rico momento de aprendizagem.

No que diz respeito às pesquisas em saúde na escola, um instrumento fértil para ser utilizado no período escolar, de acordo com as análises, é o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Desde 2009, a Lei de Alimentação Escolar (11.947) oficializa o olhar cultural do comer e inclui a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) no processo de ensino-aprendizagem, que deve perpassar o currículo escolar. A legislação estimula o respeito às tradições alimentares e à preferência alimentar local saudável; o desenvolvimento biopsicossocial; e amplia a presença de outros profissionais na escola, com proposta interdisciplinar e intersetorial. A relação entre hábitos alimentares saudáveis e a saúde é inegável, portanto, aliar as pesquisas em saúde na escola com o PNAE pode ser um indicativo de um fértil caminho na tangência entre pesquisa em saúde e educação em saúde na escola.

Referências

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Lei 11.947, de 16 de junho de 2009.**

BRASIL. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Por que pesquisa em saúde. **Série B. Textos Básicos de Saúde. Série Pesquisa para Saúde: Textos para Tomada de Decisão. Brasília, Df, 2007.**

DELIZOICOV, D. Pesquisa em ensino de ciências como ciências humanas aplicadas. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 2: p. 145-175, ago. 2004.

DELIZOICOV, D. Resultados da Pesquisa em Ensino de Ciências: Comunicação ou Extensão? **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 22, n. 3, p. 364-378, dez. 2005.

DEMO, P. **Complexidade e Aprendizagem - a dinâmica não linear do conhecimento.** São Paulo: Atlas, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa..** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A Produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações sócio-político-educacionais: uma perspectiva da contemporaneidade. Campinas, 2000. Trabalho apresentado na III Conferência de Pesquisa Sociocultural.

GATTI, B. A. Formação de professores, pesquisa e problemas metodológicos. **Contrapontos**. V. 3, n. 3, p. 381-392. Itajaí, set./dez. 2003.

GOFFMAN, E. **Os quadros da Experiência Social. Uma perspectiva de análise.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JOSEPH, I. **Erving Goffman e a microssociologia.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

KRASILCHIK, M. Reformas e Realidade. O caso do ensino das ciências. **São Paulo em Perspectiva**, 14 (1), 2000.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORIN, E. **A Religação dos Saberes: O desafio do século XXI.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

NASCIMENTO, M. A. Erving Goffman, as interações no cotidiano escolar, desvendando o estigma dentro da inclusão escolar. **Dissertação de Mestrado.** Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2009.

SANCHÉZ, S. G. **Epistemologia da pesquisa em educação.** Campinas: Praxis, 1998.

SEVERINO, A. J. Consolidação dos cursos de pós-graduação em educação: condições epistemológicas, políticas e institucionais. **Atos de Pesquisa em educação**, v. 1, n. 1, p. 40-52, Jan./abr. 2006.

SOUZA, F. V. F. R. Leitura de materiais educativos usados na educação em diabetes: uma análise por meio da semiótica social. **Dissertação de Mestrado - NUTES-UFRJ**, 2009.